

OPINIÃO

CRÔNICAS E ARTIGOS

Vamos renascer das cinzas



Eduardo Paes
prefeito da cidade
do Rio de Janeiro

Ontem foi um dia histórico para o Rio de Janeiro. Chegou ao fim o tempo do “choro e ranger de dentes”. Honrado pela votação que recebi, serei pela terceira vez o prefeito mais feliz do mundo.

Quero garantir a todos os cariocas que a recuperação da cidade, de sua alegria, de sua beleza, de seu respeito e de seu potencial econômico, já começou. São e ainda serão tempos difíceis, especialmente depois de uma administração omissa. Mas o momento das reclamações passou. Agora é trabalhar 24 horas por dia, sete dias por semana.

Vamos olhar para frente. Fazer com que o Rio seja uma Cidade Maravilhosa para todos. A transição foi excepcionalmente curta, mas arregaçamos as mangas desde o primeiro minuto. Nos últimos dias trabalhamos incansavelmente para oferecer o mais rápido possível uma Saúde de qualidade, com a recuperação das Clínicas da Família e das outras unidades da rede, e preparando nossa estrutura para o atendimento, a prevenção e a vacinação contra a covid-19.

Por isso, eu faço um apelo a todos: continuem a se cuidar. O coronavírus permanece entre nós e precisamos adotar e respeitar todas as medidas protetivas. Vamos usar máscaras, proteger os idosos e evitar a todo custo as aglomerações. Em 2021, teremos a vacina. Falta pouco agora.

Precisamos também pensar e agir pelas crianças e jovens. Na Educação, vamos dar aos alunos não só o suporte material para que possam estudar, mas também todo o apoio pedagógico e psicológico. O momento exige o melhor de nós.



“Vamos olhar para frente. Fazer com que o Rio seja uma Cidade Maravilhosa para todos”

Nos transportes o trabalho será contínuo, a começar pela recuperação do sistema do BRT, assustadoramente sucateado. Vamos concluir o BRT Transbrasil.

De agora em diante, todos os cariocas voltam a ser tratados como iguais, mas, principalmente, recuperam o direito de serem diferentes. Raça, religião, gênero e gostos pessoais não serão usados para embasar nenhum tipo de preconceito.

Meu melhor governo começa agora e será feito sob o espírito de união. Vamos reerguer o Rio juntos: os que votaram e os que não votaram em mim. Montei um secretariado com competência técnica reconhecida, que se juntará a uma equipe maravilhosa de servidores que eu conheço muito bem e tenho certeza de que não poupará esforços para chegarmos ao nosso objetivo: fazer a Cidade Maravilhosa

voltar a ser grande, digna e justa para todos os cariocas.

Como escreveu o mestre Martinho da Vila: “Vamos renascer das cinzas; Plantar de novo o arvoredo/ Bom calor nas mãos unidas/ Na cabeça um grande enredo...”. Unidos e com muito trabalho executaremos com excelência esse enredo de amor, resgate, transformação e desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro.

Um feliz ano novo a todos! Vamos ao trabalho, por amor ao Rio!

João Batista Damasceno: Haverá Brasil no futuro?



João Batista Damasceno
professor da Uerj e
doutor em Ciência Política

No início do século 20, o escritor austríaco Stefan Zweig foi um dos intelectuais judeus que, sem entenderem no que o nacionalismo alemão poderia resultar, se encantou com seu ideário. Mas, após a 1ª Guerra Mundial abdicou de tal posicionamento e se tornou um pacifista. As políticas antisemitas que se disseminaram na Alemanha e Áustria a partir da ascensão de Hitler, em 1933, logo afetaram Zweig e em 1934 ele deixou o seu país, indo para a Inglaterra, depois para New York e em 1940 para o Brasil.

Aqui, Zweig foi recebido com euforia pela comunidade intelectual e pelas autoridades políticas. Mas, não se tratava de boas vindas a um refugiado ou a satisfação pela convivência com um dos

maiores escritores da época. O oportunismo que permeia a classe dominante no Brasil via na sua presença apenas a possibilidade de prestígio e oportunidades de um intercâmbio com instituições estrangeiras, visando aos seus interesses.

Tal como Lula, Zweig foi seduzido pela amabilidade que a Casa Grande apresenta aos que lhe interessam. Zweig acreditou na democracia racial brasileira e não compreendeu o processo cínico de exploração, exclusão social e racismo que permeiam as nossas relações.

Em sua primeira viagem ao Brasil, Zweig escreveu o livro ‘Brasil, país do futuro’. Encantado, mudou com sua mulher, Lotte, para cá e se estabeleceram em Petrópolis. Zweig trazia em sua bagagem um ideário liberal e antinazista. Getúlio Vargas o recepcionou pessoalmente, mas havia uma contradição. Seu governo se mantinha graças às políticas autoritárias e muitos de seus ministros e assessores militares eram

“Vivemos momento no qual não se vislumbra qualquer projeto de nação. Nada está sendo construído para legado às gerações futuras”

simpatizantes do nazifascismo. A classe dominante no Brasil recepciona com cordialidade e chama para a mesa na Casa Grande, mas quando não mais interessa defenestra o convidado, pois se torna incômodo. Tolos são os que acreditam na sua receptividade.

Diante do avanço do nazismo na Europa, com o crescimento da intolerância e do autoritarismo em sua época, sem esperanças no futuro da humanidade e tomando ciência do que realmente se pensa e se faz no Brasil, em 1942, deprimido, Zweig escreveu carta de despedida e suicidou-se juntamente com a mulher. A avaliação de Zweig foi falha. Três anos depois de sua morte, os ‘Aliados’, tendo à frente a URSS, venceram o nazifascismo e a humanidade ganhou rumos diversos do que ele supunha.

Vivemos momento no qual não se vislumbra qualquer projeto de nação. Nada está sendo construído para legado às gerações futuras e mesmo a geração presente está sendo sacrificada em seus direitos. A ig-

norância e o discurso anticientífico são dominantes nas esferas de poder. Já contamos quase 200 mil mortos pela covid-19 e sequer temos um projeto de vacinação, quando 40 países já estão vacinando suas populações. Até o Líbano, país destruído e à beira da falência, já iniciou a vacinação.

As mortes na pandemia não sensibilizam quem deveria promover políticas públicas de Saúde. O presidente insiste que é uma gripezinha e diante das mortes diz não ser coveiro. Um general de intendência, colocado no Ministério da Saúde por sua suposta capacidade logística, processo de planejamento e execução eficiente de armazenamento e transporte de bens desde o ponto de origem até o ponto de consumo, não promoveu sequer compra de seringas para futura aplicação da vacina.

Gastam-se fortunas na ineficaz cloroquina e deixam os testes perderem a validade ou prorrogam o prazo de eficácia por decreto. Mas, não podemos ser tomados pela desesperança que levou Zweig à morte. O povo brasileiro tem a capacidade de se reinventar e haveremos de construir um Brasil, no futuro.